

Gay

gay@timeout.pt

Quando os homossexuais se tornaram homens

Foi o desenhador Tom of Finland que devolveu a masculinidade ao universo gay, diz um novo livro que **Bruno Horta** já leu



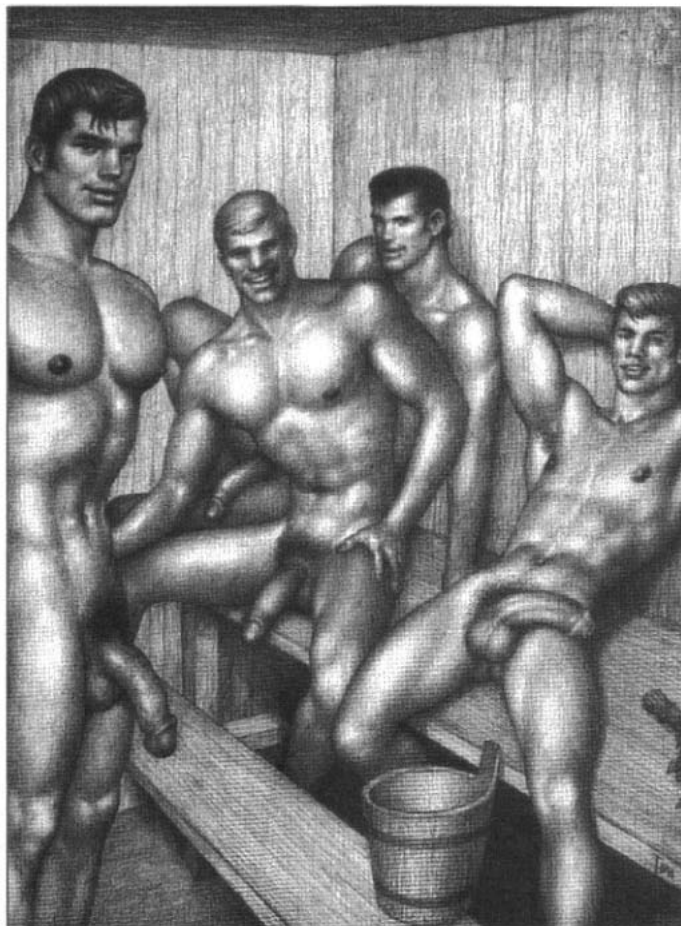
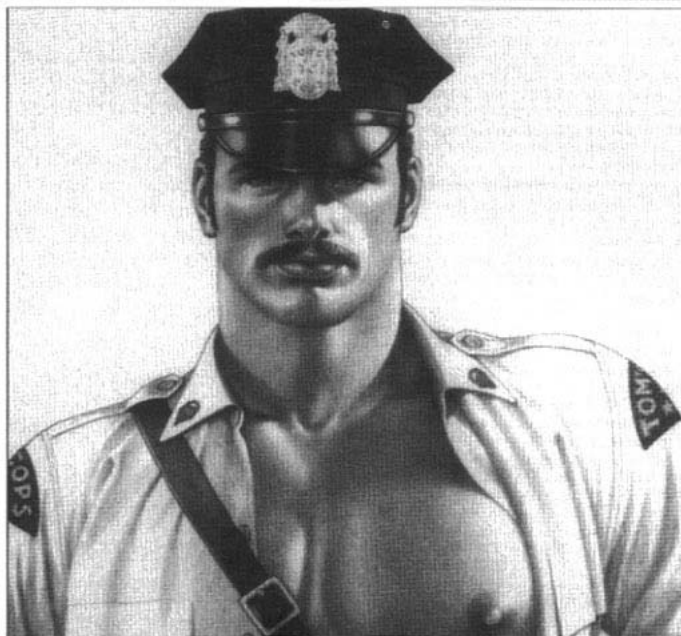
Marinheiros, policiais e desportistas em bares, saunas, florestas, praias e balneários. Ora exibicionistas, ora voyeurs. Durante meio século de

trabalho, o famoso Tom of Finland (1920-1991) desenhou sempre a mesma coisa: homens à procura de outros homens, com abundantes ereções e sorrisos de luxúria. Numa América dos anos 50 muito masculinizada, rendida aos filmes dos heróis musculados da Grécia e de Roma e dominada pela cultura do ginásio e das revistas para atletas (compradas por gays, na verdade), esses desenhos só podiam ter conquistado os homossexuais.

De acordo com vários textos deste livro, *Tom of Finland XXL*, agora publicado pela Taschen, os gays de Tom of Finland já não eram os homens andróginos e efeminados que a pose de Oscar Wilde tinha criado na cabeça das pessoas. Deixaram de ser vistos como qualquer coisa parecida com as mulheres – o terceiro sexo, como então se dizia. Eram agora fisicamente tão robustos quanto os heterossexuais, tinham profissões tão viris como os outros e mesmo que fossem sexualmente passivos orgulhavam-se disso. A força da arte de Tom of Finland, explica o livro, está precisamente nessa forma nova de representar o desejo entre iguais.

Tom of Finland XXL, de umas monstruosas 666 páginas, está dividido pelas décadas de actividade do artista: dos anos 40 aos 80. Ao todo, apresenta mil imagens, entre trabalhos completos e rascunhos – um quarto da sua obra completa.

Há desenhos inéditos, incluindo alguns que se perderam ou foram roubados e de que apenas restam cópias de baixa definição. Textos de amigos e académicos



Vigor Disso se fez a fama de Tom of Finland; desenhos de 1965 (em cima) e 1984

acompanham as imagens (em inglês, alemão e francês).

O artista nasceu no Sul da Finlândia, filho de professores. Estudou arte e publicidade em Helsinquia. O seu nome verdadeiro era Touko Laaksonen. Reza a história que quando enviou desenhos para a revista americana *Physique Pictorial*, em 1956, os assinou com o pseudónimo Tom e os editores da revista decidiram nomeá-lo Tom of Finland. Assim ficou.

Embora só tenha visitado os EUA pela primeira vez em 1977, data a partir da qual passou a viver metade do ano em Helsinquia e a outra metade em Los Angeles, o seu trabalho foi sempre muito popular entre os gays americanos. Edward Lucie-Smith, crítico de arte, escreve em *Tom of Finland XXL* que ele “faz parte integrante da cultura popular e em muitos aspectos é um ícone tão poderoso quanto Marilyn Monroe”.

Está hoje representado em várias colecções públicas, incluindo a do Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova Iorque. E as suas exposições (40 individuais, entre 1973 e 2008) têm percorrido os EUA e a Europa – mas nunca chegaram a Portugal.

Tom of Finland, que era homossexual, claro, raramente desenhou mulheres. Quando o fez não conseguiu grandes resultados. Os homens foram definitivamente a sua fixação. Muitas vezes, explica o livro, inspirou-se em fotografias que recortava de revistas. Daí o aspecto hiper-realista dos seus desenhos.

Por serem tremendamente pornográficos foram muitas vezes desvalorizados, sobretudo depois dos anos 60, quando a obra se tornou cada vez mais sadomasoquista e explícita. Camille Paglia, professora da University of the Arts, em Filadélfia, EUA, afirma no livro que esse lado ‘porno’ em nada diminui Tom of Finland. Os homens dele, musculados e jovens, descendem directamente dos sonhos homoeróticos de Miguel Ângelo, escreve Paglia, em sua defesa.

Tom of Finland XXL (org. Dian Hanson), ed. Taschen, 2009. 150€.